



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

**“AH... SE ESSA BIBLIOTECA FALASSE...”: MEMÓRIAS E IDENTIDADES
TECIDAS EM NARRATIVAS SOBRE A BIBLIOTECA CENTRAL DO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
DE JANEIRO**

Grasiele Barreto Rangel Monteiro

Mestranda – Programa de Pós-graduação em Memória Social – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

grasielemonteiro@yahoo.com.br

Diana de Souza Pinto

Profa. Dra. - Programa de Pós-graduação em Memória Social – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

dianap@globo.com

1 INTRODUÇÃO

Início este texto contando uma estória pessoal que constitui um dos fatores determinantes para a investigação que desenvolvo neste trabalho. Em 2008 ingressei no corpo de servidores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lotada na Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde (CCS). Fui recepcionada pelos funcionários dessa biblioteca com frases de boas vindas seguidas, muitas vezes, de comentários ou até mesmo de estórias sobre algo interessante, curioso ou inusitado ocorrido na biblioteca, mesmo não havendo uma pergunta direta que suscitasse tais declarações. Fui percebendo, no cotidiano, como os funcionários sentiam prazer em narrar as suas experiências e como, de fato, essa biblioteca “tem estória para contar”. Torna-se pertinente, neste momento, indicar um dos discursos mais reveladores da riqueza da memória dessa biblioteca, em torno do qual surgiu a idéia e o próprio título deste trabalho: “Ah... se essa biblioteca falasse...”. Esta elocução, dita frequentemente pelo funcionário mais antigo da biblioteca, sempre representou uma fonte de curiosidades para mim. Era como se houvesse algo para ser contado que não estava sendo contado, mas que eu precisava conhecer - embora hoje eu compreenda que não é



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

possível conhecer, e sim construir - os sentidos dessa elocução. Desse modo, a partir da elocução apresentada acima, inferimos que essa biblioteca, desde a sua criação, passou por diferentes situações e que várias pessoas, principalmente seus funcionários, já ouviram e presenciaram muitos episódios interessantes. Em vista disso, nosso desejo é compreender algo que é efêmero: os instantes. Instantes capazes de nos auxiliar a co(construir) a memória social desta instituição. Um desejo antigo, que se ressalta a partir da idéia inferida no discurso acima. Tal discurso não é apenas uma mera observação. Nas entrelinhas observamos um desejo latente de rememorar o passado e um pedido tímido: não deixe nossa história morrer. A inserção deste trabalho no campo da Memória Social se dá através da observação de que as práticas sociais são constitutivas da memória e são construídas através do discurso.

Partindo do pressuposto de que estes discursos são capazes de co(construir) a memória desta instituição e de operar para a construção de identidades dos seus funcionários, este trabalho, em desenvolvimento no âmbito da linha de Pesquisa Memória e Linguagem do Programa de Pós-graduação em Memória Social/UNIRIO, objetiva investigar, a partir das narrativas de funcionários da Biblioteca Central do CCS/UFRJ, a memória social desta instituição e as identidades dos seus funcionários, co-construídas durante a interação. Em vista disso, a nossa análise partirá do pressuposto de que a memória, as narrativas e as identidades são construções sociais realizadas na interação, sendo, portanto, conceitos dinâmicos.

As questões que nos orientam são: Como os funcionários co-constroem as memórias através das narrativas? Como as suas identidades são construídas no discurso? Quais projeções discursivas são projetadas, ratificadas e modificadas ao longo da interação?

A Biblioteca Central do CCS foi criada em 1973 na Cidade Universitária, Ilha do Fundão. A coleção desta biblioteca é, em parte, proveniente de diversas unidades acadêmicas e administrativas transferidas para o Campus Universitário. Seu acervo é extenso e variado. Atende aproximadamente 5.000 usuários por ano e possui vinte e quatro funcionários concursados e sete funcionários terceirizados. Através da base Minerva (base de dados utilizada pelas bibliotecas da UFRJ) e do portal de periódicos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), os usuários podem pesquisar quais títulos a biblioteca possui.

O corpus de pesquisa deste artigo é composto de uma entrevista grupal com nove funcionários da biblioteca, realizadas com base em um roteiro com perguntas abertas, previamente definidas, realizadas pelas autoras deste trabalho. A duração do grupo focal, realizado em três de dezembro de 2010 e gravado em áudio, foi de uma hora e doze minutos. A transcrição foi feita pela primeira autora deste artigo de acordo com as convenções listadas no Anexo A.

2 APORTE TEÓRICO

Apoiamo-nos no conceito de interação/discurso, preconizado pela análise do discurso da vertente da Sociolinguística Interacional e nos conceitos de memória, narrativas e identidades como constructos sociais. A memória, as narrativas e as identidades são problematizadas a partir do conceito de instituição. Nossas reflexões terão o suporte de quatro perspectivas: o conceito de memória social preconizado por Halbwachs (2004). Na sequência, as acepções de Pierre Nora, as quais nos conduzem a observar que a biblioteca, além de ser uma instituição, é um lugar de memória. Em seguida, o dinamismo do conceito de identidades através da concepção de que elas são construídas e atualizadas no discurso. Por fim, utilizamos o aporte do conceito de narrativas e suas abordagens, considerando que este é o gênero discursivo (BAKHTIN, 1986) investigado neste trabalho.

2.1 A Vertente Socio Interacionista para a análise do discurso

A Sociolinguística Interacional considera cada um dos “pequenos momentos da interação face a face como cenários de construção do significado social e da experiência, passíveis de análise e de interesse sociológico e linguístico” (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 7). A preocupação central é analisar uma comunicação situada na interação face a face. Assim, o discurso, para a Sociolinguística Interacional, é concebido como uma co-produção conjunta dos participantes durante essa interação,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sendo, portanto, o resultado de um esforço conjunto entre os participantes. Marcurschi (1986), ao discutir o conceito de interação conversacional, demonstra que a conversa “não se funda exclusivamente na produção individual de cada falante, mas na produção conjunta” (MARCUSCHI, 1986, p. 84), levando-nos a considerar a conversação como uma atividade de co-produção discursiva. Neste sentido, de acordo com Pinto, “poder-se-ia localizar aqui o surgimento da concepção de discurso tomada pela Sociolinguística Interacional enquanto o resultado de um esforço conjunto de seus participantes” (PINTO, 1995, p. 14). Na Sociolinguística Interacional a compreensão do discurso é permeada pelo processo inferencial em todos os momentos de sua realização e não pode ser visto exclusivamente do ponto de vista do falante ou do ouvinte. De acordo com Marcuschi (1986) é na forma como os interlocutores interagem que encontramos a melhor fonte para análise do processo de compreensão.

Goffman (1964) focaliza o estudo da situação social, fator que fora negligenciado em investigações sociolinguísticas até a década de 70. Aspectos como com quem estamos falando, como estamos produzindo elocuições, onde ou em que situação devem ser considerados ao analisarmos uma interação. Assim, o autor alerta-nos para um fator que fora negligenciado, a *situação social* engendrada na comunicação face a face. Ele define a situação social como “[...] um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos uns dos outros que estão “presentes”, e para quem os outros são acessíveis de forma semelhante.” (GOFFMAN, 1964, p. 17). Considerando essa definição, a situação social pode emergir em qualquer momento, sendo necessário que dois ou mais indivíduos se encontrem simultaneamente, e permanece enquanto houver, no mínimo, duas pessoas. O comportamento daqueles presentes na situação é conduzido de acordo com regras culturais, as quais estabelecem como os indivíduos devem se conduzir em virtude de estarem co-produzindo uma situação social.

Logo, para Goffman, em um nível de análise, o estudo de turnos da fala e do que foi dito durante o turno de alguém fazem parte do estudo da interação face a face. A observação das peças intrincadas à fala, tais como o registro linguístico, aspectos não verbais, é fundamental para analisarmos como as identidades dos funcionários são construídas nas narrativas selecionadas. Em vista disso, os conceitos de footing e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

enquadre apresentados na próxima seção nos orientarão com relação às diversas possibilidades de projeção discursiva dos participantes durante a interação.

2.1.1 Enquadres e Footings

O termo enquadre “[...] situa a metagem contida em todo enunciado, sinalizando o que dizemos ou o que fazemos, ou como interpretamos o que é dito e feito” (GOFFMAN, 1979, p. 107). Em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente propondo ou mantendo enquadres, que organizam e orientam o discurso em relação à situação interacional. Posteriormente, em 1979, como um desdobramento do conceito de enquadre no discurso, Goffman introduziu o conceito de footing, passando a caracterizar o aspecto dinâmico do enquadre. O “footing representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio ou com o discurso em construção” (GOFFMAN, 1979, p. 107). São sinalizados através do modo como os participantes gerenciam a produção e a recepção das elocuições. Podem indicar aspectos pessoais e sociais. Durante a interação os footings são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados. Tais mudanças são inerentes à fala natural e implicam, segundo Goffman, uma mudança no alinhamento que assumimos para nós e para os outros presentes, expressando o modo como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução.

2.1.2 Convenções de Contextualização

As convenções de contextualização são “[...] pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar os nossos propósitos comunicativos ou inferir os propósitos conversacionais do interlocutor” (GUMPERZ, 1982, p. 149). Assim, de acordo com Ribeiro e Garcez, existem as pistas linguísticas (por exemplo, alternância de idioma, de dialeto ou de estilo), pistas paralinguísticas (por exemplo, a sobreposição, o valor das pausas, o tempo da fala, as hesitações) e/ou pistas prosódicas (por exemplo, a entonação, o acento, a ênfase, o tom), constituídas de vários (sub)sistemas de sinais



estabelecidos culturalmente. Podem ocorrer pistas não verbais, como direcionamento do olhar, o distanciamento entre os interlocutores, a presença de gestos, mudança de postura etc.

Os participantes em uma conversa compartilham certa expectativa convencional do que é considerado normal e o que é considerado marcado em termos do volume da voz, entonação, ritmo e estilo discursivo. Quando um ouvinte não reage a uma determinada pista, ou não conhece a sua função pode haver divergências de interpretação e mal entendidos. Tais falhas de comunicação são consideradas gafes sociais e levam a julgamentos errôneos acerca da intenção do falante, muitas vezes, deixando de se considerar os simples erros linguísticos. Para o autor, não há dúvida que a história e a experiência comunicativa compartilhadas facilitam a cooperação conversacional.

As categorias pistas de contextualização, enquadre, alinhamento, juntamente com a perspectiva interacional para o exame das narrativas ancoram a análise dos dados deste trabalho.

2.2 A tríade memória, narrativas e identidades

Segundo Linde (2009), mesmo as estórias de vida individuais trazem também outros indivíduos, podendo ser aqueles que participaram diretamente do evento narrado ou os que acompanharam de certa forma o evento, mesmo sem ter participado diretamente, podendo expor opiniões ou definir de forma distinta esse evento. Considerando isso, a autora concebe a narrativa como uma construção social. Ela considera as entrevistas grupais como muito desafiantes tanto para os pesquisadores como para os entrevistados, pois é um tipo de interação em que as pessoas regularmente acrescentam contribuições umas as outras, expondo suas interpretações.

2.2.1 A memória social

Para Gondar (2005, p.17), “O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja”. Além da questão de recordar o passado, a perspectiva conceitual ligada ao conceito de memória social



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

está também ligada ao futuro à medida que, ao escolher o que se quer interrogar e conservar, há uma intencionalidade, uma aposta, quanto ao porvir. Nesse sentido, segundo Gondar, admite-se atualmente a memória como uma construção. Ao elaborarmos questões em relação ao passado, tais questões estão muito ligadas com as nossas perspectivas presentes; sendo assim, a memória passa a ser vista como uma construção social, considerando que o homem a produz a partir de suas relações sociais e valores em oposição à idéia da verdade do que é ou do que se passou.

Maurice Halbwachs (2004) nos alerta que, para nos lembrar, precisamos dos outros. O autor propõe o conceito de “quadros sociais da memória” (1925). Pensando na construção social da memória, o autor destaca que os indivíduos se lembram através de quadros de memória que o antecedem, existindo, assim, uma memória social além da individual.

Os pressupostos do autor sobre a memória ser construída coletivamente amparam a investigação de como os participantes co-constróem a memória através de narrativas. Compreendemos, por exemplo, que o compartilhamento das lembranças é uma característica de destaque nas narrativas dos funcionários da biblioteca. Isso, segundo Halbwachs, é possível se admitirmos que, para nos lembrar, precisamos de outras pessoas, pois a memória individual sempre pressupõe uma memória coletiva.

A concepção de memória como uma construção é extremamente relevante para este estudo, visto que consideramos que o seu engendramento se dá no momento em que falante e ouvinte interagem. A chave de nossa investigação pressupõe que a memória é construída através de narrativas, como será exposto na seção 2.2.3. O ato de narrar se dá através do modo como o narrador seleciona e organiza as suas experiências. Nesse sentido, o narrador constrói e atualiza as suas identidades no discurso. Logo, assim como a memória, as narrativas e as identidades também são construções sociais.

2.2.2 O conceito de identidades através do discurso

Pollak (1992) nos esclarece que a memória é um elemento que constitui um sentimento de identidade individual ou coletiva, pois ela impulsiona um sentimento de coerência e de continuidade tanto de um indivíduo como de um grupo na sua própria



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

reconstrução. Complementando o conceito de Pollak (1992), utilizaremos, nesta pesquisa, o conceito de identidades no plural, pois como estamos trabalhando com projeções discursivas, acreditamos que as identidades são constantemente atualizadas na interação, sendo, portanto, um conceito dinâmico. Pollak (1992) observa o anti-essencialismo deste conceito à medida que afirma que “memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo” (POLLAK, 1992, p. 5). Nosso pressuposto, neste estudo, é que as identidades são construídas e negociadas nas narrativas.

2.2.3 Análise de narrativas na perspectiva interacional

Durante uma narrativa, fazemos uma série de escolhas ao introduzir determinados cenários, personagens ou ações. Assim, conforme Schiffrin (2000 apud BASTOS, 2005, p. 81), ao criarmos esse “universo narrativo”, estamos mostrando quem somos, mesmo que em algumas dimensões. A forma como contamos uma estória ou o seu conteúdo está, de certa forma, impregnado de identidades. “Se compreendemos identidade como uma construção social, que envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos, o relato de narrativas revela-se um lócus especialmente propício a essa exposição” (BASTOS, 2005, p.81).

A visão da narrativa como uma prática social, sendo influenciada pela situação local e por uma ordem social mais ampla (BASTOS, 2005) tem se mostrado uma opção teórico-metodológica produtiva nos campos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (BASTOS, 2005; PINTO, 2001, SCHIFFRIN, 1996, LINDE 1993, entre outros). Neste caso, é possível compreender, a partir das narrativas, quem somos bem como a dinâmica de nossa vida social. No que diz respeito a como experiência e relato se relacionam, na abordagem interacional, as experiências são co-construídas durante a narrativa, sendo consideradas recontagens seletivas e contextualizadas das nossas lembranças.

Quando falamos, podemos utilizar vários recursos “poéticos” ou estratégias de envolvimento. Tais recursos estão mais presentes nos discursos de alguns falantes do que de outros. Tannen (1989) afirma que, quando o falante emprega com maior frequência tais estratégias, ele utiliza o que a autora denomina de estilo conversacional



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de alto envolvimento. De acordo com a autora, as estratégias de envolvimento refletem e criam simultaneamente o envolvimento interpessoal. O envolvimento na interação implica que tanto falante quanto ouvinte respondam ativamente o que é transposto na interação, através de sinais de envolvimento, seja diretamente através de palavras ou indiretamente através de gestos ou sinais não verbais similares. Gumperz (apud TANNEN, 1989), afirma que o envolvimento conversacional é a base para todo o entendimento linguístico. No entanto, é necessário que as especificidades da língua e do conhecimento sócio-cultural sejam compartilhadas. Assim, segundo Gumperz, para que o envolvimento conversacional seja bem sucedido é necessário que ocorra o processo de inferência conversacional, que é a habilidade de inferir o significado das elocuições dos outros participantes e as suas expectativas na interação.

Integrando a perspectiva interacional temos a abordagem performática/dialógica e a abordagem experiencial. De acordo com Riessman (2008), na abordagem performática, o investigador observa como falantes e ouvintes estão interativamente produzindo as narrativas. Nesse caso, o investigador também é um participante da interação e influencia no processo de construção das narrativas, por isso ele também deve ser considerado no processo de análise.

Com relação à abordagem experiencial, as investigações de Mishler (2002) baseiam-se, fundamentalmente, na visão do sujeito fragmentado, cujo trajeto é repleto de desvios e hiatos. Assim como as experiências humanas são, muitas vezes, marcadas por pontos de virada, que levam a uma re-historização do passado e à adoção de uma nova identidade, faz-se necessária a adoção de novas teorias e métodos capazes de dar conta da reconfiguração do enredo das experiências passadas.

3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados pauta-se na perspectiva interacional para a análise do discurso (GOFFMAN, 1979; GUMPERZ, 1982) e na Análise das Narrativas (RIESSMAN, 2008). Observamos, na análise dos dados, o compartilhamento de experiências, a alta sintonia conversacional e o emprego de várias estratégias discursivas (TANNEN, 1989), as quais são capazes de criar coerência e envolvimento



interpessoal no discurso. As repetições em suas diferentes formas, o alongamento de vogais, como, por exemplo, a fonologia expressiva, e os discursos direto e indireto – ou diálogo construído – são algumas das estratégias discursivas que, segundo a autora, integram a natureza dialógica da linguagem, configurando, assim, a conversa como uma produção conjunta entre os participantes. Observamos também diferentes alinhamentos (GOFFMAN, 1979) na construção da memória coletiva, os quais oscilam entre identidades pessoais e profissionais, sentimentos de privilégio e satisfação dos funcionários por trabalharem na biblioteca e a re-significação do seu espaço.

O corpus deste trabalho teve como ponto de partida a elocução “Ah... se essa biblioteca falasse...”. Expliquei, na ocasião, que esta elocução foi algumas vezes repetida por um funcionário da biblioteca que, ao me contar, informalmente, sobre algumas histórias dessa instituição, sempre a exclamava.

As respostas iniciais relatavam que tal elocução se referia à história da biblioteca, aos diversos episódios marcantes ocorridos desde a sua fundação, à sua importância e, finalmente, às lembranças dos ex-alunos que passaram pela instituição.

Foi surpreendente descobrir que essa elocução, pronunciada várias vezes para, no nosso entendimento, representar a riqueza da memória da instituição, se originou de episódios muito inusitados e curiosos que circulam em torno das antigas cabines de estudo da biblioteca.

Para efeitos de ilustração, selecionamos dois segmentos do grupo focal.

Segmento 1

- | | | |
|----|---------|--|
| 1 | Grasi | queria saber de vocês o que vocês acham que quer dizer isso, essa afirmação, essa exclamação, ah... se essa biblioteca falasse.... |
| 2 | Jair | [risos]
peguei muitas vezes... muitas vezes peguei namorando violentamente. |
| 3 | Juca | É- |
| 4 | Iara | [riso]
é é por isso, “ah se essa biblioteca falasse”, as paredes iam ter muita história= |
| 5 | Juca | =as pessoas ali naqueles momentos de... livres...eles ficavam namorando dentro das cabines. Várias vezes eu dei flagrante, os outros rapazes que trabalhavam comigo também. E até- |
| 6 | Diana | e como é que era para vocês se deparar com essa situação, assim? |
| 7 | Geovana | já tava até normal, sabe. |
| 8 | Jair | já tava uma coisa até normal |
| 9 | Diana | Indecentes |
| 10 | Juca | justamente, justamente |
| 11 | Jair | pode falar? |
| 12 | Diana | tem que falar |



- 13 Jair com a saia levantada e na prática de sexo
- 14 Geovana porque as cabines ficavam na parte de baixo e na parte de cima onde só se você fosse para a cabine mesmo
- 15 Iara { que veria, entendeu?
para estudar
- 16 Geovana e tinha cabines, né Juca, que eles se davam ao luxo de pintar a porta que era de vidro
- 17 Jair { colocavam papel
- 18 Juca { colocavam papel

No turno 2 Jair amplia ainda mais o tópico sobre o namoro nas cabines. Utiliza a auto-repetição “peguei muitas vezes... muitas vezes peguei” no seu discurso com o efeito de ritmação para provocar envolvimento através da estrutura de chiasma, que segundo Tannen (1989), é a repetição feita invertendo-se a ordem das palavras. Observe que os verbos “peguei”, repetido nos turnos 2 e 8 pronunciado por Jair e “dei”, completando o sentido de flagrante no turno 5 por Juca, nos dá indícios da mudança de alinhamento de Jair e Juca, pois nesse momento ambos, ao mesmo tempo, se alinham como responsáveis por guardar a integridade moral da biblioteca indo além das atribuições meramente administrativas, como, por exemplo, a guarda de livros. Quando Jair fala “... muitas vezes peguei namorando violentamente” (turno 2), Juca ecoa e reitera a fala de Jair com a expressão “é” (turno 3). O mesmo ocorre no discurso de Jair “eu já peguei situações. Situações indecentes, indecentes” (turno 8), o qual é ecoado por Juca em “justamente, justamente” (turno 10).

Diana pergunta para os participantes como era para eles viverem essa situação, referindo-se ao namoro nas cabines da biblioteca (turno 6). Geovana responde que era uma coisa comum, então Jair toma o turno e classifica as situações que ele presenciou nas cabines como sendo “indecentes”, que tem seu sentido intensificado pela repetição, no turno 9. Podemos considerar que a função desta repetição cumpre o papel interacional de provocar envolvimento ao dar ênfase à categorização da situação que Jair irá narrar. Além disso, a escolha do termo indecente para qualificar a situação narrada por Jair é uma estratégia para intensificar o grau de transgressão de tais situações.

No turno 9, Diana repete o termo “indecentes” que pode ser classificado como um sinal de retroalimentação, estando no nível interacional da conversa (TANNEN, 1989). Em seguida, no turno 10, Juca repete o termo “justamente” cuja função pode ser interpretada no nível da produção do discurso, como transição e preenchimento de



vazios durante a narrativa, o qual também é uma estratégia de envolvimento (TANNEN, 1989).

No turno 11, Jair convida o ouvinte a conhecer alguns dos episódios que ele caracteriza como “indecentes”, porém antes ele pergunta para Diana se ele pode narrá-los. Esta pode ser uma estratégia para tornar a narrativa mais interessante à medida que causa uma série de expectativas no ouvinte em relação à estória. A permissão é concedida por Diana, que tem autoridade de pesquisadora/orientadora no estudo. É importante salientar que a mesma, durante o grupo focal, deixou os participantes à vontade para interagirem sem impor o papel de autoridade no discurso, que, no entanto, lhe é atribuído por Jair. Isso evidencia a construção local, no discurso, de identidades que são coletivamente projetadas, ratificadas ou modificadas ao longo da interação, como já apontara Goffman (1979).

Após Jair introduzir a ação complicadora no seu discurso “com a saia levantada e na prática de sexo” (turno 13), nos turnos 14 a 18, os outros participantes narraram como funcionavam as cabines, contribuindo com evidências que fornecem veracidade à narrativa de Jair. Algumas vezes as elocuições são repetidas por diferentes participantes, inclusive ao mesmo tempo, o que demonstra grande nível de sintonia entre eles, como por exemplo “colocavam papel” (turnos 17 e 18).

Geovana, no turno 14, oferece detalhes sobre como eram as cabines de estudo e como a estrutura física das cabines propiciava os episódios de sexo, o que é corroborado pelos demais participantes nos turnos 15 a 18, nos quais observamos como a narrativa é co-construída e como as memórias são compartilhadas.

Segmento 2

- 1 Grasi e você Bianca, tem alguma coisa pra falar, como é que foi?
- 2 Bianca é... como Jair, Iara, também tenho 17 anos aqui, também concursada de de 92 e... a biblioteca teve assim certa influência é... forte, né? Porque quando eu vim pra cá minha
- [choro]
- filha tinha tava com 11 meses, então ela... ,é... (6.0) ela cresceu, né, aí no meio dessas estantes aí correndo. Quando tinha... tinha alguma coisa... é, algum evento né, aqui... ela gostava
- [vários participantes com lágrimas]
- muito de vim pra cá, né-
- 3 Cecília e vem até hoje, né?
- 4 Iara é, os filhos foram criados bem dizer aqui
- 5 Bianca como Juca falou né, não crescemos mais por é... força de
- 6 Jair } vontade mesmo, né?
[riu]



fazer a creche aqui

O segundo segmento foi o ponto mais emocionante e intrigante do grupo focal. É curioso observar os diferentes alinhamentos que se entrecruzam no discurso de Bianca. Ela começa se alinhando como funcionária ao relatar que trabalha na biblioteca há bastante tempo “também tenho 17 anos aqui” (turno 2), que é concursada “também concursada” (turno 2) e, em seguida, ao falar da influência da biblioteca em sua vida, se alinha como mãe “minha filha tava com 11 meses” (turno 2). Ela relata que a biblioteca teve “certa influência”, e após uma hesitação, acrescenta dizendo que a influência foi forte “biblioteca teve assim certa influência é... forte, né?” (turno 2), expondo os motivos dessa importância através da figura materna “é... como Jair, Iara, também tenho 17 anos aqui, também concursada de 92 e... a biblioteca teve assim certa influência é... forte, né? Porque quando eu vim pra cá minha filha tinha tava com 11 meses, então ela... é... (6.0) ela cresceu, né, aí no meio dessas estantes aí correndo” (turno 2). É interessante observar como Bianca, ao trazer a filha para a narrativa, transforma a biblioteca em um espaço lúdico: “Ela cresceu, né, aí no meio dessas estantes, aí correndo. Quando tinha... tinha alguma coisa... é algum evento né aqui... ela gostava muito de vim pra cá” (turno 2). Neste caso, o espaço da biblioteca é apropriado pela filha de Bianca e re-significado. Tanto para Bianca como para a sua filha a biblioteca parece ser uma extensão da sua casa.

Bianca ficou tão emocionada ao descrever a importância da biblioteca na sua vida, no turno 2, que ficou cerca de seis segundos (6.0) sem conseguir falar e chorou ao narrar sobre quando ela ingressou na biblioteca, ocasião em que a sua filha, atualmente com 17 anos, tinha onze meses.

Após contar que a sua filha cresceu na biblioteca, que participava dos eventos comemorativos, outra funcionária, também emocionada, conta que a filha de Bianca gosta de estar na biblioteca até hoje. Assim, ela presentifica o elo entre a funcionária, sua filha e a instituição. As várias hesitações no discurso de Bianca marcam como era profundo e importante o tópico de que ela estava tratando, de forma que ela tinha dificuldades de encontrar as palavras para construir a sua narrativa. Tal dificuldade não desvaloriza o seu desempenho como narradora, muito pelo contrário. Quando a emoção tomou a voz de Bianca, um silêncio tomou conta do espaço. Ninguém foi capaz de tomar o turno de Bianca mesmo após os seis segundos de silêncio. De acordo com o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

conceito de *fillers* (COULTHARD, 1981), as hesitações de Bianca também contribuíram para a sua permanência com o turno, pois demonstraram que ela não havia finalizado a elocução e havia o interesse em prosseguir. Marcurschi (1986) também trabalha com essa hipótese através do estudo das funções dos marcadores discursivos.

Foi intrigante e surpreendente verificar que a pergunta sobre a importância da biblioteca, para a vida de Bianca, no primeiro turno, despertou aspectos tão pessoais.

Nas elocuições “é, os filhos foram criados bem dizer aqui” (turno 4) e “fazer a creche aqui” (turno 6), verificamos que outros funcionários compartilham uma experiência similar a de Bianca, visto que os dois elementos da relação família/trabalho parecem estar atrelados. Acredito que essa construção da família na biblioteca contribui para os sentidos de um sentimento de pertencimento dos funcionários em relação à instituição.

4 CONCLUSÃO

Ao construir a memória dessa instituição, os funcionários estão constantemente projetando e ratificando suas diferentes identidades através do discurso. Daí a importância em conduzir os nossos questionamentos para além da fronteira “do que é dito” para o “como é dito”.

Com base na investigação de como os funcionários co-constroem suas memórias através do discurso, como as suas identidades são construídas e quais projeções discursivas são projetadas, ratificadas e modificadas ao longo da interação, observamos o compartilhamento de experiências; a alta sintonia conversacional e o emprego de várias estratégias discursivas, tais como o diálogo construído (TANNEN, 1989) na enunciação das narrativas. Observamos também diferentes alinhamentos (GOFFMAN, 1979) na construção da memória coletiva, os quais oscilam entre identidades pessoais e profissionais.

Fazer esta pesquisa é estabelecer, grosso modo, uma ponte entre passado e presente. Acreditamos que o conhecimento da memória desta instituição pode servir como ponto de apoio para os diferentes agentes sociais que nela atuam, visto que os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

resultados que emanam desse olhar podem contribuir para uma maior legitimação institucional.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BASTOS, Liliana Cabral. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**, S. Leopoldo, v.3, n.2, p.74-87, 2005.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. Tradução de Pedro M. Garcez. In. RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 13-20. Tradução de: The neglected situation, 1964.

_____. Footing. Tradução de Beatriz Fontana. In. RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 107-148. Tradução de: Footing, 1979.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô.; DODEBEI, Vera. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. Tradução de José Luiz Meurer; Viviane Heberle. In. RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 149-182. Tradução de: Contextualization conventions, 1982.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e a memória individual. In: _____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 29-56.

HALBWACHS, Maurice. Les cadres sociaux de la mémoire. Paris: Alcan, 1925.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003. p.422-476.

LINDE, Charlotte. How institutions remember. In: _____. **Working the past: Narrative and institutional memory**. New York: Oxford University Press, 2009. p. 3 – 14.

LINDE, Charlotte. **Life stories: the creational of coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. Rio de Janeiro: Atica, 1986.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MISHLER, Elliot G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Lilian Cabral (Org.). **Identities**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado das letras, 2002. p. 97–119.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo, **Projeto História** – Revista do Programa de Estudos Pós graduados em História e do departamento de História. V. 10, 1993.

PINTO, Diana de Souza. **A percepção da loucura**: análise do discurso de pacientes internadas numa Instituição Psiquiátrica. 1995. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

PINTO, Diana de Souza. As estórias de Larissa: o processo de construção da referência e as múltiplas “projeções do eu” em narrativas em uma entrevista psiquiátrica. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Org.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001. p. 121-141.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.). Apresentação à nova edição. In: **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 7-11.

RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. In: _____. **Memória, História e esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 25-134.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative Methods for the Human Sciences**. California: Sage Publications, 2008.

SCHIFFRIN, Deborah. Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. **Language in Society**, v.25, n. 2, p.167-203, 1996.

TANNEN, Deborah. **Talking voices**: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse. 3. reimpr. New York: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1989.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde**, 2009. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/bibccs/>>. Acesso em: 20 set. 2009.

ANEXO A – Convenções de Transcrição

SÍMBOLO	ESPECIFICAÇÃO
..	Pausa observada ou quebra no ritmo da fala com menos de meio
...	Pausa observada de meio segundo ou mais
.	Descida leve, sinalizando o final da elocução



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

?	Subida rápida, sinalizando uma interrogação
,	Subida leve, sinalizando que mais fala virá
-	Parada súbita devido à interrupção
()	Fala não compreendida
(0,0)	Indicação dos segundos de pausa durante a elocução
[]	Observações não verbais observadas pelas entrevistadoras durante a entrevista
[Duas elocuições ligadas por este sinal indicando sobreposição das falas
Sublinhado	Ênfase

Convenções de Transcrição. Fonte: Ribeiro, 1994